

Jovem assume modo de vida candango

ELIANE OLIVEIRA
Da Editoria de Cidade

“Eu organizo o movimento. Eu oriento o Carnaval. Eu inauguro o monumento No Planalto Central do País”.

O trecho é de uma música de Caetano Veloso. Quer queira, quer não, mostra que, em Brasília, sempre recebemos tudo pronto. É verdade. Tudo o que é assimilado pelos jovens de uma cidade com apenas 28 anos, completamente planejada, vem de outros estados: usos, costumes, maneiras de falar.

Além disso, Brasília é extremamente estereotipada, por ser considerada o centro das decisões políticas e o núcleo do esoterismo. Mas a situação está mudando. Aqui também há brasilienses, e muitos. E netos de brasilienses. Existem ainda pessoas que se consideram como tal, embora tenham nascido em outras regiões.

É delas que partirá o surgimento de novos movimentos. São elas que dão maior sentido ao concreto e ao verde. E cabe aos jovens da cidade, com seus filhos, netos e bisnetos, determinar uma nova cultura que já é iminente.

Capital da alucinação

Brasília é tida como “sufocante” e “depressiva” por muita gente. Mas, na opinião do psicólogo Omar Neri da Mata, isso ocorre com as pessoas que realmente não se adaptam, sentindo-se solitárias. “Há casos de pessoas que aqui chegam e não querem mais sair”, lembrou. Ele atende, em seu consultório, a clientes de três a 60 anos. Problemas de adaptação, segundo ele, surgem menos entre os jovens.

De acordo com da Mata, não importa o lugar onde estamos: se nada vai bem, não há beleza. “O problema maior acontece, principalmente, com servidores públicos e pessoas transferidas”, explicou. Disse ainda que o Brasil inteiro é voltado para o eixo Rio-São Paulo.

DROGAS

Há quem afirme que o crescimento do consumo de drogas está relacionado com o preceito de que “na cidade não há nada para fazer”. Conforme o psiquiatra Elias Abdalla, do Centro de Orientação sobre Drogas e Atendimento a Toxicômanos (Cordato), o fenômeno acontece em diversas capitais.

Além disso, segundo ele, cada pessoa estabelece, de forma individual, sua relação com a droga: “Não adianta apontar a causa. Há as motivações internas e externas”. Dentre as externas, ele destaca a condição econômica, o ócio, o meio social onde o indivíduo vive e a situação familiar.

O relatório das atividades de 87 do Cordato mostra que houve um aumento considerável do uso da cocaína, “verdadeira droga da moda”. A entidade, vinculada ao Instituto de Psicologia da UnB, tem verificado também o consumo indiscriminado de medicamentos psicotrópicos e inalantes (do “cheiro da lolô”) até solventes mais baratos).

PRECOCIDADE

A idade média das pessoas que procuram atendimento no Cordato é de 23,5 anos, tendo a maioria iniciado o uso de drogas entre 15 e 20 anos de idade. Isto significa que tratam-se de pessoas que as consomem há pelo menos cinco anos. Destes pacientes, que recebem tratamento gratuito, bastando que procurem a entidade voluntariamente, 70,3 por cento são solteiros e 80,6 por cento residem com a família.

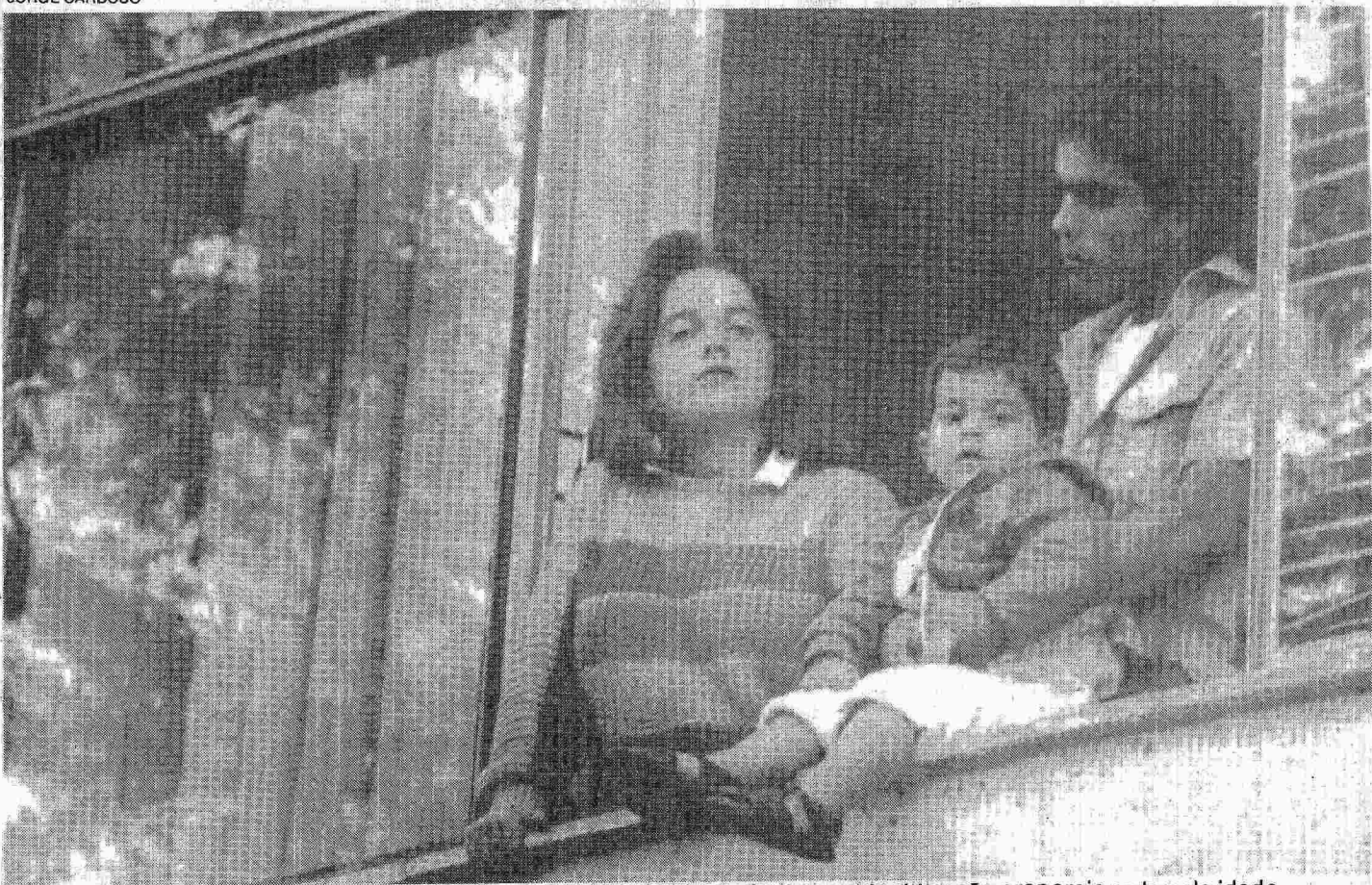
Grande parte tem profissão definida ou continua seus estudos (63,7 por cento), mantendo ainda vínculo com a realidade social. Segundo uma psicóloga, a maioria de seus pacientes nasceu em Brasília. Apenas 32 por cento apresentam antecedentes policiais e 29 por cento, psiquiátricos. Sessenta por cento vêm de famílias desestruturadas. Mesmo assim, todos parecem manter forte afeição com os familiares, conforme o relatório.

COCAÍNA

A clientela do Cordato é composta de usuários dependentes ou semi-ocasionais. A droga mais comum é a maconha, consumida por 28,5 por cento dos pacientes e, associada com outras drogas, por 60,5 por cento. Em segundo lugar situa-se a cocaína: 12,7 por cento sozinha e 35,7 por cento associada.

Comparando com os dados de 86, diminuiu o número de poliusuários, de acordo com o relatório de atividades da entidade no ano passado. A maioria das pessoas que procuram o Cordato não é mais adolescente e a maior incidência foi de pessoas que compareceram uma ou duas vezes. “Podemos nos perguntar se o não retorno se deve basicamente à fraca motivação para abandonar a droga ou se a instituição oferece um acolhimento inadequado a essa população”, diz o relatório. Em 87 foram atendidas 165 pessoas, sendo 140 homens e 25 mulheres.

JORGE CARDOSO



Elise e João, com o filho Caio: origem diferenciada não prejudicou a identificação proporcionada pela idade

Folclore preconceituoso marcou infância dos pais

Há menos de 20 anos, dizer-se brasiliense era motivo de chacota. Os filhos de servidores públicos “banidos do Brasil para Brasília”, como classifica o jornalista Tetê Catalão, tomavam as dores para si, acentuando ainda mais a sensação de viver num imenso deserto, que até hoje é lembrado pelos remanescentes da corrente contra a transferência da capital, pelos saudosistas e por milhares de descontentes.

A situação se modificou. A cada ano nascem, em média, 40 mil brasilienses. O termo “candango” deixou de ter o sentido pejorativo e passou a ser usado de forma carinhosa, quando em referência a quem veio para Brasília, fazendo da cidade sua nova terra. E os principais responsáveis por tantas mudanças são os jovens nascidos e criados na cidade, que não trouxeram nada de fora e tentam formar uma nova cultura e um novo tipo de falar, quase que involun-

tariamente. Graças a eles, a imagem de que Brasília é o centro do poder vem se deteriorando, dando lugar a uma cidade como outra qualquer.

SEGUNDA GERAÇÃO

Elise de Souza, 21 anos, estudante, recebeu, durante sua existência, inúmeras informações referentes a costumes diferenciados. Seus pais conheceram-se na capital, por volta de 1962. O pai veio do Rio e a mãe, de Minas Gerais. Ao contrário do que lhe aconteceu, seu filho Caio Henrique, também brasiliense, receberá dela as experiências vividas na capital. “O pai de Caio, João, nasceu aqui. Mas meu filho é ainda pequeno e não consigo imaginar que papel ele vai representar nessa geração”, disse Elise.

Tentar imaginar o futuro dessa garotada é o mesmo que se utilizar de uma bola de cristal. O relacionamento entre pais e filhos não se diferencia, pelo menos por enquanto, de outras

regiões do País. “As crianças dispõem de espaço para brincar e estão tendo, nesse ponto, a oportunidade que eu tive”, afirmou Luiz Barbosa, 26 anos, historiador.

Pedro Cândido Rodrigues, 27 anos, tem uma filha (Caira) de oito anos de idade. Caira leva a vida como qualquer outra criança. Brinca, vai à escola e se diverte. “Quando eu era pequeno, ainda sofria discriminação por residir no Núcleo Bandeirante. Hoje isso mudou”, lembra ele. “Este é o lugar que escolhi para viver, embora tenha nascido aqui”.

Tudo é uma incógnita. Brasília terá, um dia, cultura própria? Desenvolveremos um dialeto típico? Até que ponto irá a degradação ambiental? O caos que vem se formando, em decorrência do crescimento populacional, que fim terá? Talvez os netos dos brasilienses possam responder a essas perguntas.

YUUGI MAKIUCHI



Misticismo: fonte de imagens estereotipadas da cidade

Apelo místico predomina

“Eu faço parte da geração do Terceiro Milênio. Dom Bosco já falava sobre isso. Acredito que, de todas as desgraças naturais que venham ocorrer, Brasília não será atingida. As próprias pessoas daqui convivem com esse misticismo. Já reparou na quantidade de nomes bíblicos que existem? Lucas, Daniel, Davi... Sem falar nos nomes indígenas”.

André Alex Cavalcante de Queiroz, 25 anos, nasceu em Brasília, tem uma filha — Raquel — de cinco anos também brasiliense e, sempre que lhe perguntam sobre o que acha de sua cidade natal, ele aborda, em primeiro lugar, o esoterismo da capital.

FORÇA MÍSTICA

Para o jornalista e poeta Tetê Catalão, na cidade há 16 anos, a maior força mística da capital é representada pelos candangos, que construíram todo esse universo: “Muitos trabalhavam em regime de quase escravidão. Há contracheques da época que mostram jornadas de trabalho de 17 horas”. Misticismo, em sua opinião, liga-se à dignidade e respeito próprio.

Lembrou o lado cinematográfico do Vale do Amanhecer. “O mais belo não é o lado estético, mas as pessoas que estão por trás dos movimentos esotéricos. Quando um bombeiro hi-

dráulico, por exemplo, que trabalha durante toda a semana, chega ao Vale do Amanhecer no sábado, veste aquele traje e incorpora uma entidade, o amor pelo que faz sobrepõe-se aos acessórios”.

Segundo Tetê, o ecletismo de Brasília muitas vezes é explorado erroneamente. “Existe manipulação, marketing”, comentou. O fato de a cidade ser vinculada ao poder, sob o aspecto político institucional, não satisfaz aos meios de comunicação de massa. O misticismo, de acordo com ele, também é difundido, estereotipando os brasilienses.

A relação com o espaço é uma particularidade dos jovens brasilienses. “Quando trabalhava com crianças no Sara Kubitschek, eu verificava isso nos desenhos, que tinham muito céu, muita abertura”.

Tetê Catalão classifica essa amplitude como uma “faca de dois gumes”. Isto porque ela permite que a pessoa corra o risco de ter sentimentos bem antagônicos, como o amor e o ódio, a satisfação e o tédio. Ele acredita que este fator é desencadeante, inclusive, do alto índice de divórcios no DF: “É uma espécie de prova de fogo. No momento em que você tem mais tempo para pensar, acaba descobrindo-se”.

O rock como linguagem

O forró, a música sertaneja, o samba, o xote, o fricote, o instrumental, o clássico e o romântico não pagam pedágio para ser tocados nos mais variados locais da cidade. Mas é através do rock que grande parte dos jovens consegue se expressar a respeito de sua visão do mundo e ser compreendida em outros estados.

O brasiliense busca na arte elementos que o identifiquem com os demais. O espaço, a mistura de culturas, a centralização político-econômica e o próprio misticismo evocam o ecletismo das músicas. A falta de uma gravadora, no entanto,

acaba deslocando os artistas locais para o eixo Rio-São Paulo. Mesmo diante dessa falha, o País inteiro passou a conhecer “Eduardo e Mônica” (Legião Urbana) e “Léo e Bia” (Oswaldo Montenegro).

GAIATO

O público jovem brasileiro finalmente despertou contra uma realidade estereotipada: essa é uma cidade como outra qualquer e é possível que encontremos “gaiatos no navio” (Paralamas do Sucesso) e os denunciemos às “autoridades incompetentes” (Capital Inicial). É bom saber que “nunca fomos tão brasileiros” (Plebe Rude).

Bares dão força à vida cultural

Há na cidade 21 salas de cinema convencionais e alternativas e sete de espetáculos em geral. Mesmo assim, muitos reclamam da vida cultural. “Isso é coisa do passado. Hoje está bem melhor”, garante Irlam Rocha Lima, titular da coluna “Todos os Sons”, do CORREIO. “Antigamente, no mês de julho, havia uma verdadeira debandada, por causa das férias. Agora os jovens estão se fixando mais”.

Durante o dia, os clubes, as cachoeiras, o Parque da Cidade e a Ciclovia do Lago Norte são bastante procurados. A noite, no entanto, os lugares mais visitados pelos jovens são quase setorizados. A comercial da 109 Sul é um ponto tradicional. Juntaram-se ao Belute e Arabesque, o Mistura Brasileira e o Estação 109. “Hoje vou à ‘semprenove’”, brinca Fernando Sá, professor de história, 22 anos. A comercial da 302 Norte também não foge à regra.

IMORTAL

O Centro Comercial Gilberto Salomão é tido como “imortal” por Adriana Almeida, 25 anos, comerciante. Com boates, bares e casas de jogos eletrônicos, aos sábados e domingos fica completamente cheio. “Normalmente, vou com meus amigos para o Gilberto depois que não há mais nada aberto”, afirma ela.

Instalar bares à beira do Lago Paranoá é algo que vem dando certo. O Pontão e o Marina’s, ambos no Lago Sul, são bons exemplos. Outra novidade é o Espaço A, na 706 Norte: a partir das 18h, funciona uma livraria com obras alternativas e anarquistas e, no porão, uma adega. Os três sócios trabalham em regime de autogestão, sem empregados, todos dividindo os serviços. O artista tem seu espaço, mas é avisado de que lá não se cobra couvert. “Ele recebe parte do lucro da noite”, esclarece Bruno Scartezini, um dos donos.

Na mesma quadra existe, há quatro anos, o Bom Demais. De lá saíram nomes que ficaram consagrados entre o público brasiliense, como Cássia Eller e Renato Matos. “O Bom demais foi feito para a noite daqui, onde o artista se apresenta sem aquele esquema de música ao vivo em casa noturna. O show pode ser mais comprido”, explica Cristina Noberto, proprietária.

VARIEDADE

São inúmeros os locais onde o brasiliense pode se divertir. A cada dia novos bares se abrem, muitos com novas propostas. Há um mês surgiu, na 202 Norte, a Gotham City, casa noturna bastante procurada atualmente. Normalmente está lotada e, dependendo da hora, não é mais permitida a entrada. O jeito é tomar uma “geladinha” em um dos bares que ficam sobre ela. Ou sair pela noite, em busca de bares interessantes, mas nem por isso listados entre os lugares da moda pelos notívagos.



302 Norte: cotação alta